REVISTA DA FUNDARTE
ANO 23
NÚMERO 56
JULHO A SETEMBRO DE 2023
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ARTES DE MONTENEGRO
REVISTA 56: ARTE, EDUCAÇÃO E PERFORMANCE

CORPOS QUE DESLIZAM NO TEMPO: CANTAR PARA EXISTIR

BODIES THAT SLIDE THROUGH TIME: SINGING TO EXIST

Aline Da Silva Pinto
Gustavo Roese Sanfelice
André Luiz dos Santos Silva
Alessandra Fernandes Feltes

Resumo: O presente estudo, tem por objetivo compreender os processos dialógicos entre corpo, velhice e sociedade em um grupo de mulheres cantoras, em um grupo de canto, na cidade de novo Hamburgo-RS. Um estudo qualitativo com inspiração etnográfica, cujos instrumentos foram: análise de acervo, entrevistas, observações, diários de campo e memoriais descritivos. As mulheres do grupo significam sua participação no coro como forma de existir no mundo. Os movimentos repetitivos e a sincronia são pontos importantes para o grupo, com a ideia de distância do estereótipo da velhice. As perdas são continuamente comentadas, tornando esse espaço num lugar de fixação, um lugar que permanece num momento de transitoriedade.

Palavras-chave: Corpo. Velhice. Mulheres.

Abstract: The objective of this study is to understand the dialogical processes between body, old age and society in a group of women singers, in a singing group, in the city of novo Hamburgo-RS. A qualitative study with ethnographic inspiration, whose instruments were: collection analysis, interviews, observations, field diaries and descriptive memorials. The women of the group meaning their participation in the choir as a way of existing in the world. Repetitive movements and synchrony are important points for the group, with the idea of distance from the stereotype of old age. Losses are continuously reported, turning this space into a place of fixation, a place that remains in a moment of transition.

Keywords: Body. Old age. Women.

ASPECTOS INTRODUTÓRIOS

O presente texto, se trata de parte de uma pesquisa de doutoramento, que se encaminhou para a ampliação de investigações e perspectivas acerca da velhice na contemporaneidade. Nesse sentido, o objetivo desse estudo é compreender os processos de diálogo entre corpo, velhice e sociedade em um grupo de canto coral, com mais de vinte anos de existência, situado na cidade de Novo Hamburgo-RS, composto por, em média, 50 mulheres com idade superior a 60 anos.

A pesquisa, de abordagem qualitativa e inspiração etnográfica, ocorreu de 2017 a 2019, com a inserção da pesquisadora como observadora e proponente de atividades relacionadas ao movimento e preparação do corpo para o canto. Nesse período, também ocorre um processo de criação em Dança para a comemoração do

aniversário de 20 anos do grupo. Os instrumentos de pesquisa basearam-se na análise de materiais do acervo do coro, entrevistas, observações, diários de campo e construção de memoriais pelas pesquisadas. No presente texto serão apresentados diários de campo (DC, seguido da data) e memoriais (MI).

Pela metáfora do deslizar, desdobro-me a pensar o corpo que envelhece e o tempo que o atravessa. Poderia pensar no "escorregar", tendo em vista os sustos que passamos nesses tempos de envelhecer, mas acredito que um "deslize" possa ser mais adequado, já que no início da vida tudo passa de forma quase imperceptível. Nas primeiras etapas, o solo é liso e, sem demasia, permite que circulemos pela vida sem esforço. Em seguida, alguns trancamentos impossibilitam o avanço, problemas que prontamente são resolvidos. Em certo momento, o deslize é descontrolado e nos deixa em um lugar de desajuste, falta de apoio: o corpo se torna vulnerável e passa a buscar fixação.

Os investimentos na longevidade e os autocuidados passam a ser um imperativo, os sujeitos passam a ser responsabilizados pelas dificuldades que, durante a velhice, adentram os cotidianos dos grupos familiares. Seus "excessos" da juventude são constantemente lembrados. Muitas "velhices" são vividas nos corpos sob forma de culpa ou lamento, e, no coro, apesar das resistências serem comuns entre as partícipes, perpassam as narrativas dessas mulheres.

No início de cada encontro do grupo, acontece uma conversa entre as mulheres, alguma poesia ou história preenche os momentos que antecedem o canto. Uma delas "queixava-se de dores e quedas que havia sofrido nos últimos dias, buscava atenção às suas dores e lamentos [...] ela inicia falando sobre sua temporária saída do grupo, disse às colegas que se afastará por um mês das atividades por recomendação médica." (DC 12, 02/05/18).

No momento do relato, grande parte das mulheres se olham, um tanto tocadas pelo que a colega passa, mas parecem desaprovar a saída. A fragilidade dos corpos revela significados, seus silêncios quando a colega se queixa denotam um desconforto que rapidamente podem ser vistos em reajustes na cadeira, abotoares de casacos e reviradas de bolsas. Escutam, mas distraem-se propositadamente da situação.



Assombradas pela bruma da incapacidade, da diminuição da autonomia, seguem movimentando-se e cantando, revirando seus guardados a procurar suas coisas e encontrando significados. Procuram ser notáveis com seu canto, afastando-se da ideia de velhice. Percebo nelas alguns traços de minha avó já falecida, quando dizia: “ninguém gosta de velho!”. Elas também não gostam...

CORPOS EM TRÂNSITO

De acordo com Foucault (2008a), durante o período clássico, houve uma descoberta do corpo como objeto de poder. Assim, é possível encontrarmos facilmente sinais da atenção dedicada ao corpo que se manipula, se modela, que obedece e se torna hábil. Em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes que lhe impõem limitações, proibições e obrigações.

Os corpos estão enredados em relações de poder. É na cultura que sua indiscutível materialidade será sempre marcada pela linguagem, ferida por códigos, signos, representações, atribuições. Os corpos passarão a ser diferenciados, classificados, hierarquizados.

> Talvez se diga que alguns têm mais força, ou energia, ou beleza ou harmonia. Nessa distribuição de qualidades e talentos podem estar implicadas previsões e destinos. De qualquer forma, eles, os corpos, não jogam o jogo da existência com ‘cartas’ idênticas. A nomeação dos corpos e a inscrição das marcas pretendem sugerir seus caminhos e suas possibilidades. (LOURO, 2012, p. 13).

Um corpo não é apenas um corpo, mas também seu entorno. Mais que um conjunto de músculos e ossos, reflexos e sensações, é também a roupa e os acessórios que o adornam, as intervenções que nele se operam, sua imagem, as máquinas que a ele se acoplam, os sentidos corporificados, seus silêncios, os vestígios que nele se exibem ou a educação de seus gestos, enfim, os significados culturais e sociais que a ele se atribuem (GOELLNER, 2012).

Nesse sentido, intensifico o olhar às mulheres do coro, que corporificam sentidos da Música no seu fazer cotidiano. Essas mulheres construíram coletivamente uma rede de entendimento sobre seus corpos que seguem padrões sociais conservadores, mas que, por outro lado, operam em lógicas distintas a partir

de cada peça desse quebra-cabeças, que é sua existência. Os diálogos, negociações e silêncios no espaço-tempo de compartilhamento do grupo constituem cada uma delas e o todo do Coro. O grupo de canto coral se configura num conjunto de corpos formando um corpo único, que canta em conjunto com dissonâncias que formam um produto uno; podemos pensar acerca de um corpo coletivo que constrói com diferentes vozes, significações individuais que, juntas, levam para o mundo público as diferentes formas de serem mulheres velhas.

O corpo, nesse sentido, é produzido no coletivo, sendo que a cultura não é um ente abstrato a nos governar e nem somos apenas receptáculos que sucumbem às diferentes ações que operam sobre nós. Reagimos, aceitamos, negociamos, transgredimos porque a cultura e o corpo constituem-se em um campo político. Portanto o corpo se produz historicamente e é resultado do nosso tempo, é único e revelador de modos de ser, sem deixar de ser similar a muitos outros produzidos no mesmo tempo e cultura (GOELLNER, 2012).

Nesta perspectiva, é válido dizer que, para compreendermos o envelhecimento, precisamos pensar o corpo, pois somos um corpo. As coralistas ressaltam que as apresentações “demonstram a nossa capacidade de participar, se movimentar e viver com intensidade esses momentos lindos, apesar de sermos todas da terceira idade.” (MI, 13/06/18). Suas ideias levam a pensar que esse lugar ocupado por elas não é visto como legítimo de pessoas da sua idade, mas sim de sujeitos mais jovens. Assim, buscam provar ao mundo, onde a centralidade do corpo jovem é nítida, que merecem tal destaque.

> Vivemos em sociedades que adulam e valorizam o corpo e, ao mesmo tempo, o aviltam e o exploram. Por um lado, somos diariamente confrontados com a proliferação acelerada de produtos, tecnologias, terapias e saberes que visam o fortalecimento e o embelezamento do corpo; por outro, nos deparamos com a sua comercialização no trabalho, nos hospitais, na mídia, e também nas ruas, onde cresce a banalização das violências feitas ao corpo, o desrespeito e o descaso, com corpos de crianças, jovens e idosos. (SANT’ANNA, 2000, p. 245).

Santanna (2000), discorre sobre a inusitada importância que o corpo recebe, tornando-o mais importante do que a alma. Andrade (2003) aponta que, no século

XX, a imagem do que é saúde e beleza sofre um deslocamento em relação a conceitos de períodos anteriores. A conquista de um corpo saudável e belo é significado como um objetivo individual a ser atingido por meio de um exercício intencional de autocontrole, envolvendo força de vontade, restrição e vigilância.

> Nesse contexto, educar para viver de modo saudável significa investir constantemente em prevenção. Saúde é aí compreendida como uma responsabilidade individual que deve ser sempre atualizada. Algumas práticas mais radicais vão estimular o indivíduo a exercer poder sobre seu próprio corpo, sobre sua saúde. (ANDRADE, 2003, p. 126).

Os corpos das coralistas são aptos ao controle. Em um de nossos encontros, iniciei a atividade propondo exercícios posturais e de respiração, julguei que seriam mais "palatáveis", tendo em vista a relação com ações de saúde comumente recebidas com atenção. "Elas praticaram com muito interesse, realizaram a proposta buscando a perfeição da execução. Começo a perceber que propostas diretivas as satisfazem." (DC 9, 11/04/18).

Sob o véu dos discursos médicos, por sua vez, relativos à saúde, são perceptíveis as intervenções já experienciadas por esses corpos, coações e correções posturais que os tornaram disponíveis aos hábitos tidos como importantes automatismos. Corpos manipuláveis, obedientes e hábeis, como os de soldados. O controle minucioso do corpo realiza uma sujeição constante de suas forças constituindo disciplinas que o tornam dócil e útil (FOUCAULT, 2008a). Entre as mulheres deste estudo, o controle é exercido por elas, que preservam, por vezes, ideias de corpo-voz e movimento que consideram aceitáveis para um grupo de canto coral.

> [...] quando me deslocava para ir embora, uma delas me chama e diz: 'olha naquela parte onde ficamos de lado para o público, não ficou bom, muitas não sabem a letra da música e precisam olhar para a Prof.ª e não ficou bom...outra coisa: não gosto de colocar as mãos na cintura, porque atrapalha o canto, preciso estar com as mãos soltas'. Eu disse: 'não precisa colocar, faz como te sentires melhor'. Ela continua: 'não fica bom, precisa ter sincronia, cada um fazendo de um jeito não dá'. (DC 4, 23/09/2017).

A situação descrita anteriormente nos leva a pensar que a cantora demonstra uma ideia conservadora de Arte, acredita que todas devem fazer os movimentos

juntas, e que isso é o mais importante. Tentei argumentar com ela, mas percebi que seus pensamentos são cristalizados, os processos reflexivos sobre o fazer artístico e seus corpos não fazem parte da sua prática. Todos os resultados são pré-estabelecidos e cuidadosamente calculados para que tudo ocorra conforme a meta.

> O que sempre preocupou a nossa presidente, é uma pessoa muito assim, ligada em tudo e ela quer tudo certinho, né. Eram sempre as entradas, a fila da entrada. Então, ela se preocupava muito, ela já começava há umas duas semanas a organizar a fila, tudo como tinha que ser. Chegava no dia, e o palco não estava de acordo e lá ficava tudo diferente. Uma ia pra cá, outra ia pra lá, enfim, dava certo (risos). (ACERVO DO CORO- Entrevista com fundadoras, 03/08/17).

O lugar do corpo no processo de viver a Música parece estar ligado à utilidade. O movimento é visto como importante para o grupo, mas desenvolvido de forma a servir a um produto determinado. Para os dirigentes, como algo a minimizar dificuldades de afinação, tendo em vista as questões de trato respiratório para longevas ou simplesmente desviar a atenção do público de possíveis erros. Para as mulheres, são úteis pelo inesperado fato de serem ágeis e ousadas nessa etapa da vida.

As redes de significados tecidas por essas relações construídas no fazer cotidiano do grupo trazem um pouco de cada história, costuradas por um contexto intersubjetivo que nomeia, classifica e determina os corpos dos que dela fazem parte. Os responsáveis pelo grupo trazem consigo técnicas corporais de seus tempos e formações, e elas as recebem a partir dos seus corpos e suas épocas.

O discurso da germanidade, normas de gênero e religião são constituidoras de suas formas de vida. Seus corpos são marcados por insignes de diferentes gerações e costumes que as antecederam, construindo um entrecruzamento de discursos que as conectam nos tempos de velhice. Tais acontecimentos de um espaço-tempo deixam um rastro que estabelece um sistema de relações homogêneas, formando uma rede de causalidade (FOUCAULT, 2008b).

Suas subjetividades são, também, forjadas no período de pós-guerra, mesmo que tenham vivido no interior do Rio Grande do Sul, o que pode nos levar a pensar em um mundo voltado à militarização das instituições e da vida. Corpos monstruosos, inválidos e degenerescentes eram estigmatizados e os ideais

higienistas tomam nova forma. As aparências talhadas pela ideia de um corpo corrigido, trabalhado, limpo e exercitado eram valorizadas nesse período (STIKER, 2009).

Para Foucault (2008a), são técnicas minuciosas e até íntimas que são importantes para a definição dos investimentos políticos e detalhados dos corpos. Arranjos sutis, aparentemente inocentes, mas suspeitos, que dão atenção às minúcias em direção à disciplina como uma anatomia política do detalhe.

Dentre elas, são escolhidas representantes que se ocupam das contenções relacionadas à disciplina vista como necessária para o grupo. A valorização dos ideais disciplinadores está em seus corpos, elas vigiam umas às outras e se autorregulam. Como vemos nos corpos na segunda metade do século XVIII: "corrigiram-se aos poucos as posturas, lentamente uma coação calculada percorre cada parte do corpo, se assenhoreia dele, dobra o conjunto, torna-o perpetuamente disponível, e se prolonga, em silêncio, no automatismo dos hábitos" (FOUCAULT, 2008a, p.117).

Por vezes, escapam dessas amarras, expressam-se, tomam espaço. Algumas mais timidamente, outras extravasam (riem alto, gesticulam muito e movimentam-se de forma "irregular"), os olhares entre elas são cortantes, e por isso rapidamente voltam às posturas conservadoras de sempre, principalmente por parte das líderes do grupo, provenientes das famílias mais tradicionais da cidade.

O lugar do canto é mais do que público, está para além do espaço interno de suas casas; lá, outros movimentos são possíveis mesmo que o controle esteja presente. Preocupam-se em manter aparências "respeitáveis", porém "surpreendentes", buscam ajustes do corpo que envelhece em uma sociedade que prestigia a juventude. Os jogos de seus corpos transitam nas aparências que julgam mais ou menos aceitáveis.

O interior subjetivo é avaliado pela aparência, como se o corpo fosse o principal indicador do que há de melhor e pior em cada um (SANT'ANNA, 2007). O corpo é moldado pelo contexto social e cultural no qual nos inserimos, é o vetor semântico pelo qual a relação com o mundo é construída: atividades perceptivas, ritos de interação, conjunto de gestos, produção da aparência, jogos de sedução,

técnicas corporais, isso nos leva à ideia de que a existência é corporal (LE BRETON, 2006).

Ortega (2008) salienta que, em nossa cultura, a aparência tem grande valor, ser o que se aparenta ser e estar exposto aos olhares dos outros, tornando os sujeitos dependentes do olhar do outro, como se fosse impossível existir fora desse olhar. A única maneira de escapar da tirania da aparência é se conformando à norma, ou somos idênticos ou nos denunciamos.

Os corpos das mulheres velhas deslizam para fora dos limites aceitáveis pelas políticas de disciplinamento dos corpos, não mais "produzem" e estão sob outras formas de controle. As prescrições e obrigações impostas, a precisão na decomposição dos gestos, dos movimentos e os ajustes do corpo aos imperativos temporais (FOUCAULT, 2008a) não são possíveis. Os ritmos geracionais colidem, os tempos balizados pela juventude tornam ineficientes os corpos avançados na idade.

> Uma das coralistas mostrou-me suas mãos inchadas devido ao apoio após uma queda, outra queda relatada no dia de hoje... Ela não se lamentou, apenas reclamou das calçadas e disse que não quis deixar de vir. Uma mulher que parece forte percebe suas primeiras fraquezas, parece lidar bem com a situação, diz não esmorecer para o canto... Perdas, detalhes do cotidiano que transformam a significação da vida. (DC 12, 02/05/18).

Para Le Breton (2018), o envelhecimento é uma provação quando se torna difícil a continuidade do sentimento de si e a qualidade do investimento no mundo, transformando-se em um lento desaparecimento enquanto as forças diminuem, e a saúde começa a definhar. O corpo perde a evidência, torna-se mais opaco e faz-se ouvir de um modo mais lento, sofrido e inexistente. Reconhecer-se é uma tarefa desconfortável. O rosto se torna estranho e a diminuição das performances colabora para um abrandamento de si. Uma série de pequenos lutos na relação com o mundo constroem novas subjetividades.

> Algumas vieram conversar comigo, em particular, me contaram sobre suas perdas... Uma filha falecida, outra que se mudou para longe, uma nora que também faleceu... Sem que eu perguntasse nada elas quiseram me contar, partilhar um pouco dessas histórias. (DC 2, 06/05/17).

A morte dos sujeitos que as cercam fomenta o medo e a angústia de perder a vida. Muitas ficam caladas e parecem sentir profundamente essa dor, outras tratam de mudar de assunto, optam pela negação e desviam desses obstáculos do pensamento, buscando distanciar-se da identificação com tais acontecimentos. Seus cotidianos são permeados por pequenas mortes que também as assustam e apontam para a perda do sentido da vida, esse assunto recorrente entre as mulheres do coro. Padrões estéticos e condições físicas para a realização de algum movimento são preocupações contínuas, a finitude ronda tudo o que se faz (DC 26, 18/09/2018).

> [...] comentaram sobre o encontro de uma delas com uma colega que está em um lar para idosos, todas, consternadas, queriam notícias [...]. Disseram que ela estava muito mal, que quase não reconhece as pessoas e que necessita de visitas. (DC 6, 21/03/18).
> Era aniversário da professora, que recebeu flores e foi homenageada, uma delas lhe disse: 'Que possas ficar muitos e muitos anos conosco...', outra cantora disse: 'Ela pode ficar, mas nós vamos...' (DC 13, 09/05/2018).

A ideia de desapegar-se de antigas possibilidades configura a ideia de que perdas relacionadas às capacidades fisiológicas, da aparência e da vitalidade são cruciais na sensação interna de que se está envelhecendo e, por consequência, da visão que o mundo tem do sujeito que envelhece. Cardec (2012) apresenta essa ideia a partir da noção de registro orgânico, quando se remete às debilidades de saúde; o registro da aparência, relacionado às dimensões plásticas do corpo e o registro de energia, que se direciona à diminuição da disposição e bem-estar. O autor salienta que a sociedade busca fugir e afastar os registros desse declínio, exercendo um "trabalho" sobre o próprio corpo que envelhece, tanto por meio de investimentos físicos quanto simbólicos.

O mesmo autor traz a teoria do desapego, como um afastamento recíproco das pessoas que envelhecem e a sociedade, buscando uma adequação da vida quando se defrontam com as dificuldades crescentes e novas limitações funcionais. A consciência da própria finitude e da morte configura o abandono de atividades e relações, criando um processo ativo de reconversão de interesses, intencionando a manutenção de formas de apego com o mundo.

As questões relacionadas aos processos de doença e morte também foram comentadas, no início de suas enfermidades, deixaram o grupo e em seguida faleceram. As mulheres organizaram visitas às amigas adoentadas, mas a ideia não foi à frente. Muitas se foram nesses quase vinte anos, fica uma pausa nesse momento (DC 1, 14/03/17).

As mulheres do coro vivem o desengajamento pouco a pouco, muitas delas encontram na música e no grupo um lugar de reposicionamento social. O grupo passa a ser o espaço de reconversão de atividade de significado às suas participantes, que trabalham no afastamento dos estereótipos de velhice, e não parecem conformar-se com rótulos atribuídos às pessoas de idade avançada. Beauvoir (1970, p. 310) ressalta que "o indivíduo idoso se sente velho por meio dos outros, sem ter vivenciado mutações graves, interiormente, não adota o rótulo atribuído a ele".

As reflexões sobre o "sentimento da velhice" impulsionam alguns questionamentos: quando nos percebemos fazendo parte deste processo? Quando é visível a decadência da carne? Quando nos distanciamos daquilo que consideramos ideal ou indispensável ao convívio social? Perceber as limitações do corpo e da partilha com o mundo é um processo de adaptação a novas formas de existir, compreender como o outro se sente ou se vê é um movimento necessário para nós, humanos.

> Durante o Concerto de Primavera, uma das coralistas tossia muito, esteve adoentada e faltou aos ensaios. Insistiu que os filhos a levassem ao teatro para cantar. Estava perfumada e maquiada e persistia na ideia de cantar. Não conseguiu ficar durante a apresentação específica do coro, sentia dor no peito e seus olhos lacrimejavam, segurava minha mão e olhava as colegas pela lateral do palco. Conseguiu entrar para a canção final, momento em que todos os coros estavam juntos. A entrada da coralista despertou olhares de preocupação de suas colegas. Em uma marcha desarmônica e desestabilizada, caminhou até sua posição no coro. Entre os outros, sua fragilidade se diluía, mas, para mim, que a acompanhava com o olhar de quem estava prestes a socorrê-la, cada respiração era atentamente analisada. O ar lhe parecia insuficiente, seu peito insuflava e reduzia em tempos curtos, denotando um ritmo respiratório acelerado e irregular. Cantou e logo saiu de cena diretamente à sua casa. (DC 27, 29/09/18).

Perceber tão nitidamente a perda das capacidades e o afastamento do que lhe dá prazer e a sensação de estar viva pode proporcionar grandes indagações àquelas que se veem nessa situação. Novos entendimentos de si mesmas, a partir

do que entendem da velhice, forjam seu cotidiano. Para as mulheres do Canto e Vida, apesar de seguirem alguns passos de suas antepassadas, seguir em frente e lutar para estar em cena é sua marca. Cantar e estar no palco é prioritário.

Segundo Le Breton (2003), o sentimento de envelhecer provém de uma mistura da consciência de si (de um corpo que se modifica) e da apreciação social, ou seja, pelo olhar do outro. Nasce aí um sentimento abstrato de envelhecimento que passa a fazer parte da vida dos sujeitos dia a dia, constituindo diferentes formas de sermos humanos.

No imaginário social, o envelhecimento é um processo que concerne à marcação da 'idade' e que se desenrola, para muitos, como desgaste, limitações e perdas, físicas e de papéis sociais, em trajetória que finda com a morte. Nenhum bem ou ganho é pensado, nessa 'viagem ladeira abaixo'. As perdas são tratadas como problemas de saúde, expressas em grande parte na aparência do corpo, pelo sentimento em relação a ele: enrugamento, encolhimento, descoramento dos cabelos, reflexos mais lentos, menos agilidade. Há, da parte dos próprios idosos, a clara percepção desse processo (MOTTA, 2002).

Uma participante longeva do grupo manifesta seu descontentamento com a escolha musical do grupo, Frevo Mulher, canção de Zé Ramalho: parece ofensiva a ela no trecho "um olho cego vagueia procurando por um". Sua visão é muito prejudicada, em especial em um dos olhos, coisas que o tempo levou nos seus mais de noventa anos (DC 19, 13/06/18). Inicialmente pensei que ela estivesse brincando, mas aos poucos percebi que a coralista estava muito irritada. A interpretação superficial apresentada pela coralista nos leva pensar que, a literalidade do que escuta a conecta diretamente com o que é mais latente em sua vida: a perda de suas capacidades.

As transformações são constantes em nossos corpos e, aos que estão há mais tempo no mundo, esses sinais podem significar um afastamento do mundo. Se o corpo é o que é na cultura, ele pode valer mais ou menos. Os vestígios da velhice estão para além da materialização das rugas e cabelos brancos, sinalizam uma incapacidade e inadequação ao mundo que adula a juventude. Deste modo, sua identidade é marcada pela diferença dos corpos jovens.

Em inúmeros momentos, em período de ensaios do grupo, comentários breves sobre “não ser mais jovem” as reposicionam em seus lugares de “velhas”: os que assistem com suas reações de espanto e as que vivem seus corpos nessa velhice cantada. Os assuntos costumam iniciar com a introdução: “quando eu era jovem...”, “antes eu fazia melhor...”, “agora é diferente...”.

Esses aspectos introdutórios de suas falas parecem deslegitimar as capacidades de seus corpos no momento em que vivem. A vitalidade faz falta, o que é compreensível, tendo em vista o esforço que imprimem para realizar seus desejos na Arte e na vida. Mas seria possível uma identificação confortável com a velhice?

Na hierarquia global contemporânea, a identificação com a velhice não parece passível de aceitação. A valorização da juventude e a necessidade quase que incontrolável de modificar a aparência, de regredir no tempo, deixam grandes lacunas acerca do envelhecimento. Novas terminologias foram criadas buscando ações menos discriminativas, projetos sociais, intervenções sobre qualidade de vida, o que nos leva a pensar sobre as significações atribuídas pelos sujeitos que envelhecem nesta etapa da vida.

A precariedade da carne, a falta de resistência, a imperfeição na apreensão sensorial do mundo, o envelhecimento progressivo das funções e dos órgãos, a falta de confiabilidade de seu desempenho e a morte ameaçadora, esse imaginário do descrédito censura o corpo por sua pouca influência no mundo (LE BRETON, 2006). Os corpos das mulheres velhas atestam, aos poucos, esse descrédito.

Ao passo que os olhares que recebem são para suas rugas, excesso de peso e andar pausado (NASCIMENTO, 2011), o mundo direciona sua atenção às jovens. A ideia de que juventude é sinônimo de beleza interfere na construção dos corpos destas mulheres, transformando suas vidas em uma constante “corrida contra o tempo”, estimuladas pela indústria estética. Os olhares sobre si mesmas são reelaborados e a busca por novas práticas corporais é constante.

Nascimento (2011) nos leva a pensar que o fato de que elas assumem a velhice não significa dizer que o façam sem dificuldades. Em nossa cultura ser mulher tem a ver com “ter” um corpo. E este deve estar suspenso no tripé saúde-beleza-juventude. O corpo das mulheres sofre os efeitos do tempo, porém, mais que

isso, sofre os efeitos dos olhares cortantes que o julgam se suas donas estão fora de seu lugar de avó.

O corpo e sua diversidade de gestos e posturas atesta e vive uma multiplicidade de experiências relacionadas aos sujeitos, transbordante de significados. E essa multiplicidade de experiências é o que configura, através das relações sociais e da identificação ou não identificação com as representações culturais hegemônicas, as performances cotidianas do "eu".

> [...] parece imprescindível reconhecer que os corpos sempre foram e são, agora, de uma forma talvez mais visível do que nunca, ditos e feitos na cultura. É imprescindível dizer os artifícios, e as invenções se constituem na possibilidade mesma de fazer o corpo falar e dizer de si. (LOURO, 2003, p.6).

É nesta ideia, do corpo que “fala” de si, com narrativas em constante transformação, que desdobro algumas das reflexões desses escritos, partindo do pressuposto de que a fase maturacional biológica - ou cronológica - não desacelera os investimentos sobre os corpos. De acordo com Sibilia (2012), trata-se de evitar cair na temível categoria da terceira idade, uma categoria inferior e deficitária, porque só se define pela falta do que perdeu. Para as mulheres que escolheram cantar, os investimentos são contínuos.

“Somos uma história...
História de vidas!
História de amor!
Somos uma história...
História de esperanças!
De buscas pessoais
História de se encontrar
Somos uma história...
História de Canto!
De todos os encantos!
História de encantar!
De unir nossas vozes!
De sermos ouvidas!
Absorvidas!
Num eterno crescer!
Somos uma história...
Uma linda trajetória
Na busca de aprender...
A amar, a perdoar, a ser feliz!!!!
Poesia de Iris - coralista.
(DC 10, 18/04/2018).

As mulheres do coro revelam nuances de pertencimento ao grupo social que se encontram. Dizem-se velhas e constroem suas identidades de formas cambiantes. Nessa perspectiva, cabe questionarmo-nos sobre como determinada característica passou a ser reconhecida, significada como marca definidora de identidade (LOURO, 2001) e, ainda, o que está em oposição a essas marcas, tendo em vista que a diferença e a identidade são interdependentes.

Para Silva (2009), a identidade cultural é um agrupamento de características pelas quais os grupos se definem. Aquilo que eles são é inseparável daquilo que eles não são. As características que os fazem diferentes de outros definem sua identidade, o que torna a identidade e a diferença inseparáveis.

Ao identificarmos os sujeitos em diferentes gerações, podemos perceber uma imersão em uma cultura que nos impulsiona a pensar/ser/existir de forma semelhante a nossos pares. Quando observamos culturas diferentes da nossa, deparamo-nos com ideias muito diversificadas em relação aos sujeitos envelhecentes. Estudos relacionados ao envelhecimento elaboram alguns apanhados sobre situações históricas desta etapa da vida. Contudo não descartam as lacunas geracionais estimuladas pelo mundo globalizado, que classificam e distanciam os sujeitos velhos do convívio com seus pares.

A velhice não pode ser mascarada, escondida. Ela está na carne, no afastamento ou distanciamento social e de si mesmo. Enquanto o jovem vive com o sentimento de ampliar suas relações com o mundo, em um tempo que lhe parece longo, a pessoa em idade avançada se vê no caminho contrário: contabiliza perdas e sente a irreversibilidade desse processo. O sentimento de identidade se transforma no sentido da reestruturação daquilo que era importante e desapareceu (LE BRETON, 2018).

Nesse sentido, a participação no coro Canto e Vida distancia as mulheres desse esvaziamento de significados. Arrisco pensar que elas não buscam o que já passou e tampouco se apoiam nos tempos que virão: atuam no presente, na brecha de tempo que abrem dentre as negociações identitárias do pertencimento a esse grupo.

Bauman (2005) pondera que, no mundo de individualização em que vivemos, as identidades são bênçãos ambíguas, oscilando entre o sonho e o pesadelo. Na

maior parte do tempo, as identidades coabitam, mesmo que localizadas em diferentes níveis de consciência. A identificação é também um fator de estratificação: em um dos polos, estão aqueles que constituem e desarticulam as suas identidades mais ou menos à própria vontade; no outro polo, estão aqueles que tiveram negado o acesso à escolha da identidade, que não têm direito a manifestar essa preferência, que são oprimidos pela imposição de outros.

Quando se é velho, as marcas e perdas são aparentes e direcionam os olhares do mundo para um padrão classificatório de que não se pode escapar. Mesmo que deslizemos para fora das lógicas deterministas, os reposicionamentos sociais são inabaláveis quanto aos sujeitos avançados na idade. Em momentos de prática, é possível percebermos esses movimentos que as direcionam para fora da centralidade dos tidos como aptos:

> Ensaiamos passo a passo, sentadas na cadeira repetiram os movimentos tentando lembrá-los. Uma estava com dor de garganta e pouco se mexeu, outra (que usa muletas) tem andado meio cabisbaixa, percebo que está mais fraca e desanimada. Hoje estavam apenas 36 delas, pareciam preocupadas com tantas faltas. (DC 16, 23/05/2018).

Para mulheres velhas, a legitimação das identidades não ocorre sem tensões. Admitir-se velha denota um processo complexo. No lugar da velhice, para elas, é difícil posicionar-se; a beleza, de acordo com seus padrões, já não está mais; o corpo não veste mais os significados que lhe cabiam. Conservam cristalizações de uma construção cultural, que lhes tolhe a espontaneidade, transitando entre o acolhimento dessa ideia e o desconforto com os estereótipos que lhes são atribuídos.

Podemos pensar que as mulheres envelhecentes são o corpo, nele vemos inscrita uma narrativa pessoal. Vemos a possibilidade de retrabalhar ou conservar os episódios das personagens rebaixadas pelo indivíduo, construindo, pela exposição da aparência. Operações de visibilidade que atestam uma definição de si, reduzindo a identidade a um permanente autocomentário (LE BRETON, 2012).

Esses corpos demonstram vontade de um pouco de espaço, de mais tempo e mais vida. Movem-se com uma aparente ansiedade de acertar sempre, a ideia de

aceitar o movimento das colegas não ocorre de forma fácil, seus olhares de reprovação e comentários em voz baixa são frequentes, persistindo na regulação das ações das partícipes. Improvisação e criação parecem ser um mistério para elas.

Nesse sentido podemos refletir sobre os seguintes questionamentos: por que necessitam de um modelo de movimento? Reflito sobre a possibilidade de que a liberdade as assuste e que as suas ideias de movimento estejam permeadas por experiências de configurações tradicionais, voltadas à repetição. Como já citei anteriormente, corpos disciplinados. Comentam que só com ensaios longos e extenuantes tudo se torna perfeito, idêntico (todas realizando movimentos iguais e ao mesmo tempo) e "aceitável" ao público.

Busco fazer com que percebam seus corpos, que escutem suas memórias, como nos traz Gil (2004, p. 169), "escutar a sua própria época", receber esses signos subterrâneos, imperceptíveis, livres para construir o presente. O corpo é o dispositivo, a caixa de ressonância mais sensível das tendências mais obscuras de uma época. Abrir essa caixa-corpo que se encontra fechada e insensível às pequenas percepções é torná-lo hipersensível, é reativá-lo enquanto corpo paradoxal, o que todos os regimes de poder tentam apagar. Escutar sua própria época é procurar zonas de turbulência, de caos e de risco, é criar.

CONSIDERAÇÕES FORTUITAS

É possível viabilizar um novo ponto de partida que não esteja pautado na juventude, no corpo que se move "como se não fosse o de uma senhora"? Quais são seus interesses e desejos com relação à prática artística? Essas questões estão intrínsecas no fazer artístico dessas mulheres, criando seus modos de vida, ampliando seus pensamentos e as estimulando para os diálogos com o avançar da idade.

Em cena, demandam o triunfo, a aclamação por sua capacidade de estar ali, estão atentas aos aplausos e olhares da plateia, observam cada expressão e as carimbam na memória como se fossem um dispositivo para "se sentirem bem" consigo e com o mundo, motivando-as a seguir em frente.

Em presença de outros, são incluídos na sua atividade sinais que acentuam e configuram fatos confirmatórios que, sem isso, poderiam permanecer despercebidos, a atividade tem de se tornar significativa para o outro. Ele precisa mobilizá-la de modo tal que expresse, durante a interação, o que ele precisa transmitir (GOFFMAN, 2014).

Agradar, mobilizar e surpreender quem as assiste é uma meta declarada por elas, empenham-se muito para esse momento, pensam em cada detalhe de sua aparência para o dia de estar frente ao público. Vestem o corpo da velha que parece jovem, que vive a vida intensamente, que inspira e não sofre.

Deixam para trás seus desencantos, suas dores e colocam-se no teatro, como artistas que têm algo maior em que centrar suas energias, o grande propósito de viver a Arte. Nada fica maior do que o momento da cena, tudo o que é preciso está ali, com elas, seus corpos e memórias neles inscritas. Elas dançam, cantam, atuam... Criam suas velhices idealizadas, reajustadas ao contexto contemporâneo. Suas performances diárias nos processos de relação com a música podem trazer à superfície as camadas mais profundas de significação de suas vidas.

Seus corpos são atravessados por discursos que formam uma teia que as constituem. Romper essas linhas é um processo de resistência que as faz deslizar para fora dos marcos destinados à sua idade, à religião e às normativas de gênero que estão entranhadas, corporificadas nelas. Ser mulher é o “nó” que se mostra nessa rede de significações.

Referências:

ANDRADE, S. S. Saúde e beleza do corpo feminino: algumas representações no Brasil do Século XX. *Movimento*, v. 9, n. 1, p. 119-143, jan./abr., 2003. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/2665>. Acesso em: 10 fev. 2023.

BAUMAN, Z. *Identidade*: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BEAUVOIR, S. *La Vieillesse*. Paris: Gallimard, 1970.

CARDEC, V. Sexagenários e Octogenários diante do envelhecimento do corpo. In: GOLDENBERG, M. *Corpo, Envelhecimento e Felicidade*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2012.

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir*: nascimento da prisão. 35. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008a.

FOUCAULT, M. *Arqueologia do Saber***.** 7 ed. Rio de Janeiro, Forence Universitária. 2008b,

GIL, J. *Movimento Total:* O corpo e a Dança. São Paulo: Iluminuras, 2004.

GOELLNER, S. V. A produção cultural do corpo. In: LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. *Corpo, Gênero e Sexualidade*: um debate contemporâneo na educação. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p. 28-40.

GOFFMAN, E. *A representação do eu na vida cotidiana*. 20. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

LE BRETON, D. *A Sociologia do Corpo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

LE BRETON, D. *Anthropologie du Corps et modernité*. Paris: PUF, 2003.

LE BRETON, D. *Desaparecer de Si*: Uma tentação contemporânea. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

LE BRETON, D. Individualização do corpo e tecnologias contemporâneas. In: COUTO, E. S.; GOELLNER, S. V. (Orgs.). *O triunfo do corpo:* polêmicas contemporâneas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p. 145-160.

LOURO, G. L. Corpos que escapam*. Labrys: estudos feministas*, n. 4, ago./dez. 2003. Disponível em: https://www.labrys.net.br/labrys4/textos/guacira1.htm. Acesso em: 03 jan. 2023

LOURO, G. L. Pedagogia da sexualidade. In: LOURO, G. L. (Org.). *O corpo educado:* psicologias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

LOURO, G. L. Prefácio/Desafios. In: COUTO, E. S.; GOELLNER, S. V. (Orgs.). *O triunfo do corpo:* polêmicas contemporâneas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p.145-160.

MOTTA, A. B. Envelhecimento e Sentimento do Corpo. In: MINAYO, M. C. S.; COIMBRA JUNIOR, C. E. A. (Orgs.). *Antropologia, saúde e envelhecimento*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002. p. 37-50. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/d2frp/pdf/minayo-9788575413043.pdf#page=36>. Acesso em: 23 nov. 2022.

NASCIMENTO, F. D. S. Velhice feminina: Emoção na dança e coerção do papel de avó. *RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 10, n. 30, p. 457-505, dez. 2011. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/rbse/DeniseArt.pdf>. Acesso em: 24 . Acesso em: 20 jan. 2023.

ORTEGA, F. *O corpo incerto*: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea. Rio de Janeiro: Gramond, 2008.

SANT'ANNA, D. B. As infinitas descobertas do corpo. *Cadernos Pagu*, n. 14, p. 235-249, out. 2000. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8635354>. Acesso em: 13 jan. 2023

SANT'ANNA, D.B. Beleza. *Jornal Zero Hora*, p. 23, 2 set. 2007.

SIBILIA, P. Imagens de corpos velhos: A moral da pele lisa nos meios gráficos audiovisuais. In: COUTO, E. S.; GOELLNER, S. V. (Orgs.). *O triunfo do corpo:* polêmicas contemporâneas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p.145-160.

SILVA, T. T. *Identidade e Diferença*: a perspectiva dos estudos culturais. 9. ed. Petrólpolis, RJ: Vozes, 2009.

STIKER, H. J. Nova percepção do corpo enfermo. In: CORBIN, A.; COUTRINE, J. J.; VIGARELLO, G. *História do Corpo*: Da Revolução à grande guerra. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.